

m 2 13 70

Apatia -Apathy-Apatia - Apatie-Ap
atie-Apatja-Apatia -Apathy-Apatia
- Apatia -Apathy-Apatia- Apatie-Ap
patia- Apatie-Apathie-Apatia -Apat
hy-Apatia- Apatie-Apatia -Apathy-A
patia- Apatie-Apathie -Apathy-Apa
tia- Apatie- Apathy-Apatia- Apatie-
Apatia- Apatie-Apathie-Apatia-Ap
atia -Apatia-Apatie-Apathie-Aptaja
Apathie-Aptaja -Apatia-Apatia -Ap
athy-Apathie-Apatia-Aptaja-Apath
ia -Apatie -Apatja -Apatia -Apa
tie -Apatja -Apatia -Apatie -Apc
atja -Apatia -Apatie -Apatja -Ap
atia -Apatie

378.4(8174)(05)

ex. 10260898 ... na Universidade de Brasília

CAMPUS

Semanário da Universidade de Brasília
Número Experimental-II
Julho — 1974
Departamento de Comunicação
Curso: Técnica de Jornal e Periódico-I
Professores Luiz Gutemberg e Manuel
Vilela de Magalhães

Apatia -Apathy-Apatia- Apatie-Ar-
 atie-Apatja-Apatia -Apathy-Apatie-
 -Apatia -Apathy-Apatia- Apatie-A-
 atia- Apatie-Apathie-Apatia -Apa-
 thy-Apatia- Apatie-Apatia -Apathy-A-
 atia- Apatie-Apathie -Apathy-Ap-
 tia- Apatie- Apathy-Apatia- Apatie
 Apatia- Apatie-Apathie-Apatia-Ap-
 atia -Apatia-Apatie-Apathie-Apatia-
 Apathie-Apatja -Apatia-Apatia -Ap-
 athy-Apathie-Apatia-Apatja-Apat-
 ia -Apatie -Apatja -Apatia -Apc-
 tie -Apatja -Apatia -Apatie -Ap-
 tja -Apatia -Apatie -Apatja -Ap-
 atia -Apatie

... na Universidade de Brasilia

Expediente

COORDENAÇÃO

Adalardo Nunciato Santiago
Alain Barki
Armando Sobral Rollemberg
Maria Luiza Jacobson
Maria da Graça de Carvalho Quirino
Pedro C. Campos
Rosângela Vieira Rocha
Stella Maria Gomes Paiva

REDAÇÃO

Alexandra Alves Costa Júnior
Ciro Marcos Rosa
Gerolisa Inês Moreira Sales
Luis Ricardo Meira Menandro
Maria Rezilda Gouveia Camelo
Márcia de Figueiredo Evaristo
Magali Martins de Oliveira
Rita de Cássis S. Barbosa
Sonia Mara de Moraes Carvalho
Suely França de Moura

FOTOGRAFIA

Alain Paul Barki
Adelardo Nunciato Santiago
Ronaldo Corrêa

DIAGRAMADOR

Carlos Eduardo Martins - Beca

COLABORADORES

**Clodomir Souza Ferreira e
Francisco Pontes**

CAMPUS

Editorial

Há o mal, não há o diagnóstico e pareceu salutar pesquisar que vírus ou disfunções orgânicas eliminam da vida acadêmica da Universidade de Brasília a animação extra-curricular que dá vigor aos cursos e multiplica o rendimento das atividades letivas.

A primeira suposição indicou tratar-se de um caso agudo de apatia, ou seja, uma indisposição ou desinteresse profundo de alunos e professores por tudo quanto não fosse estritamente relacionado com os currículos e com os horários regulamentares de permanência no campus da Universidade.

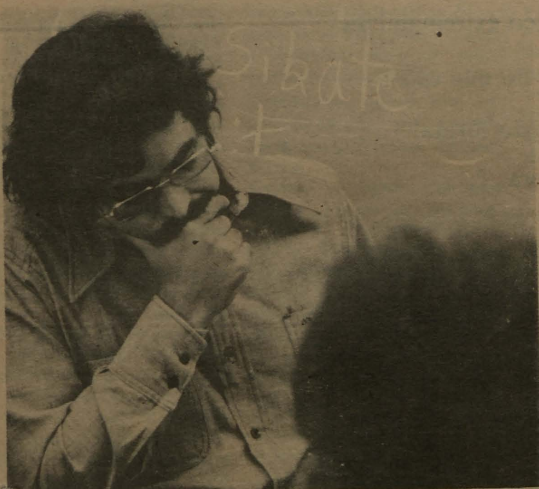
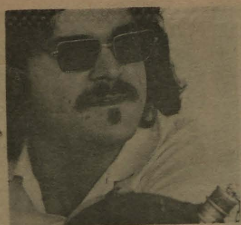
O fato do próprio Ministro da Educação, Ney Braga, ter dado o grito de alerta contra essa perigosa situação, animou reações em cadeia, de que o número experimental deste jornal é uma demonstração.

Na verdade, a Universidade Brasileira foi vítima paradoxal do desvario subversivo e da fúria repressiva, que a escolheram como campo de batalha, uma estimulando a outra e ambas tornando perigosa, desinteressante e temerária, a prática desinibida e eficiente da indispensável "vida universitária".

Ora, entre o surgimento de duas posições radicais, a Universidade encolheu-se como comunidade ativa e como que se refugiou nos laboratórios e salas de aula, comedida e temerosa.

As explosões de criatividade, que exigem fundamentalmente liberdade e segurança, cessaram e as magníficas instalações universitárias ficaram em parte ociosas: elas foram feitas amplas e confortáveis para a movimentação estudantil e estão vazias e inúteis.

Mas, se do ponto de vista material, a gravidade da situação pede resposta, a Universidade — como espírito e instituição — está órfã. Dar-lhe de volta a alegria e a participação dos estudantes é a preocupação em que se inspirou este número do "CAMPUS".



Na verdade, a Universidade está apática."

Quem é?

Venício Artur de Lima, 29 anos, mineiro de Sabará, é professor desde 1971 do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, onde dá aulas nas cadeiras de Publicidade I, II e III e, mais recentemente, Ciência da Comunicação II.

Antes de ser contratado pela UnB, Venício trabalhou em diversas Agências de Publicidade entre as

quais, na Inter-Americana, na Standard e na Denison. Não tinha formação específica para trabalhar em agências. Era estudante de Sociologia, e segundo ele começou a trabalhar com a cara e a coragem.

No segundo semestre de 1972, esteve nos Estados Unidos fazendo o mestrado na Universidade de Illinois.

A Propaganda: Um recurso anti (A) pático?

A opinião do professor Venício, master em publicidade, pela Universidade de Illinois

Campus — A nossa 1ª questão refere-se a um problema que está em jogo na Universidade atualmente, que é a preocupação da Administração com a apatia entre os estudantes. Essa apatia se caracterizaria pelo desinteresse dos alunos a tudo que não se refere especificamente às matérias curriculares. Então nós lembramos de perguntar-lhe se a propaganda, vulgarmente conceituada, pode ser o agente dessa animação, dessa reversão da apatia?

Venício — Depende. Não só a propaganda especificamente mas a comunicação em geral. Sabemos que uma das áreas mais problemáticas que existem dentro da comunicação é a teoria dos efeitos.

Campus — Mas a propaganda mede os resultados, de maneira muito expressiva.

Venício — A propaganda mede os resultados, mas ela não atua isolada, e sim como um conjunto de outras variáveis e por isso talvez se possa, em casos específicos, isolar os efeitos em função de objetivos pré-determinados. Isso, teoricamente, pois na prática efeitos não podem ser avaliados, por exemplo, em termos de mudança de comportamento. A propaganda, em termos de produto e serviço, poderia facilmente medir resultados se se define como objetivo, informar o público sobre

a existência de um produto, fazer com que o público entenda perfeitamente as qualidades que você está anunciando que o produto tem. Você pode até mudar a atitude de um segmento do mercado consumidor em relação a um determinado produto, mas nada pode garantir que a comunicação, isoladamente ou em conjunto com outros fatores, faça com que o consumidor consuma o seu produto. Mais explicitamente, mude o comportamento do público em relação ao produto.

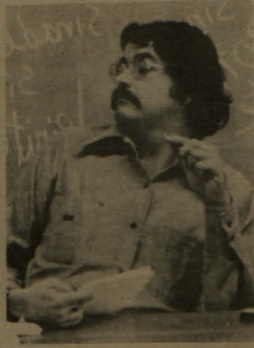
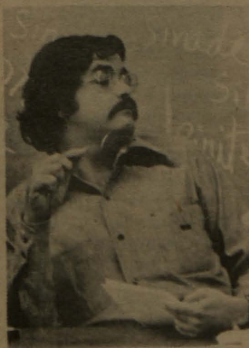
Campus — Diversifiquemos o nosso raciocínio: quando uma imobiliária precisa de fazer um lançamento, ela vira-se para a propaganda e coloca uma realidade que ela já enfrentou, fez os cálculos de custo, já visualizou o seu público, já negociou com a financiadora sobre os prazos, enfim, a publicidade de produto pega uma realidade concreta e a transforma num paraíso celestial. Se, por exemplo, a Kolynos vai lançar um novo dentífrico, ela bola um negócio chamado SH2; é eis aí o fantástico elemento, que as pessoas passam a exigir. A Signal bola a listra vermelha, que é apenas um corante, mas é ele que entusiasma as pessoas.

A Universidade tem um equipamento de ofertas, uma série delas: faz determinados serviços, tem inúmeras oportunidades de participação. Ela deseja que os alunos aproveitem

esse elenco de ofertas. Na verdade, a Universidade está apática. Como técnico em Publicidade e Propaganda, como você agiria, de que modo coordenaria esse trabalho, utilizando os veículos que existem dentro da Universidade?

Venício — Estou com medo de decepcioná-los, sabe? Segundo o raciocínio de vocês, "a propaganda dura a pílula". O indivíduo iria na onda da propaganda e consumiria um produto sem estar com vontade e sem precisar dele. O que acontece é o seguinte: esse raciocínio talvez seja possível no Brasil ou em Brasília; na medida em que os anunciantes não estão muito preocupados em avaliar os resultados. O que se quer discutir, no fundo, é isso: os resultados que podemos conseguir. Uma das coisas que a gente aprende, não só em Propaganda, mas também em teoria da Comunicação é que se deve partir sempre da audiência, para saber o que se pode conseguir. Teoricamente, quanto mais se conhece o público, mais chance se tem de conseguir alguma coisa com ele.

No caso da Universidade, temos um público extremamente crítico, com uma visão bastante nítida do que está acontecendo, temos nível de educação formal muito acima da média brasileira, fazemos parte da minoria que chega até à Universidade. Educação é, sem dúvida, um fator





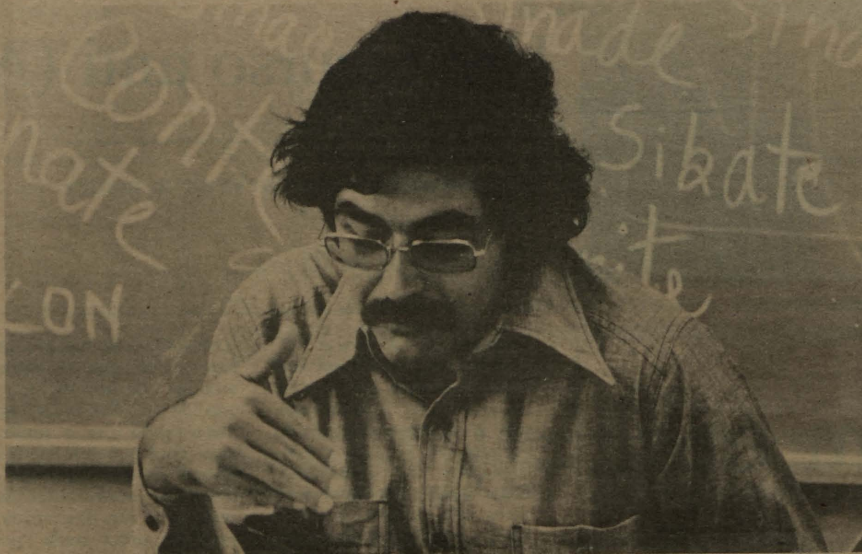
importante demais para desenvolver a consciência crítica de um problema de integração, em termos de uma mesma comunidade. O problema de Comunicação que temos, é muito sério e uma das coisas básicas que aprendemos é que existem certas condições para você ter mais chances, mais possibilidade de que a comunicação seja um fator importante na mudança de comportamento. Por exemplo, se na 1ª vez você não vai contra as predisposições do seu público, reforçando as atitudes pré-existent, mais chances terá de conseguir mudanças. No caso específico da UnB, a 1ª coisa a fazer é verificar qual a atitude dos alunos e professores, objetos desta hipotética campanha de propaganda. Parece-me que essa atitude é bastante enraizada, e sabemos, através da Psicologia, que quanto mais central é a atitude, mais difícil de ser mudada ela é. No nosso caso, se partimos do público a atingir, verificamos que o problema é difícil.



Campus — A educação é a variável mais importante?

Venício — Pode não ser. O público é mais ou menos sensível; você tem mais ou menos instrumentos. O planejamento de comunicação deve partir sempre da análise do público. O que a propaganda faz é identificar essa maior ou menor sensibilidade, e ataca exatamente esses pontos. Embora a gente conheça as limitações da comunicação em termos de mudança de comportamento, a publicidade sempre objetiva essa mudança. As vezes consegue, sob certas condições mas teoricamente é difícil. O termo sensibilidade

"No caso da Universidade, temos um público extremamente crítico, com uma visão bastante nítida do que está acontecendo, temos nível de educação formal muito acima da média brasileira..."



é aqui encarado de forma muito séria, pois a pesquisa em propaganda procura sempre identificar a qual tipo de comunicação o público estaria mais "sensível". No nosso caso, o público tem atitudes anteriores muito difíceis de ser mudadas. E depois, pode-se enganar muita gente durante um certo tempo, mas a longo prazo é impossível. No exemplo mencionado do "Signal", se a listra vermelha não coloca os seus dentes mais bonitos, você pode usá-la algumas vezes, mas depois não repetirá o dentífrico. Você compara nessa linha a tendência da propaganda no Brasil e nos EUA, em função da audiência. Nos EUA, a audiência tem nível de educação mais alto, maior poder aquisitivo, o consumidor já sabe se proteger melhor. A tendência da propaganda, lá, é ser cada vez mais informativa. Se ela fala que a pasta "Signal" porque tem listras vermelhas torna os dentes mais bonitos, é porque isso é verdade, senão o consumidor pode reclamar e tirá-la do mercado. Costuma acontecer fatos desse tipo por lá. No Brasil, a propaganda atua mais na

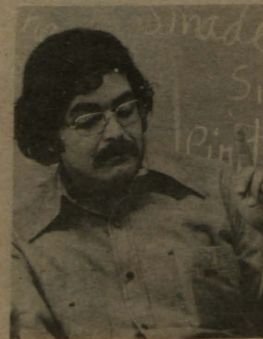
área do simbólico, do sonho, de colocar as coisas como um paraíso. Se esse meu raciocínio é correto, você é obrigado a falar com o público com a verdade. Se essa questão da propaganda nos EUA for correta, pode-se estabelecer um paralelo. Se na UnB, queremos atingir a um público experiente e de bom nível, portanto, é impossível "dourar a pílula". Se se tentar fazer um campanha para conseguir participação, não se tem como "dourar a pílula".

"E depois, pode-se enganar muita gente durante um certo tempo, mas a longo prazo é impossível."

Campus — A Universidade oferece biblioteca, que é, antes de tudo, um lugar de trabalho. Mas além disso é um centro de interesses muito diversificados. Uma biblioteca organizada é também um serviço extra-universitário. A Universidade tem inúmeras ofertas, mas se ela reclama de apatia é porque tem ofertas que não são aproveitadas.

Venício, querem mudar a apatia na Universidade. As técnicas de Propaganda poderiam responder à proposta de acabar com a apatia?

Venício — Eu preciso de saber o que estamos chamando de apatia. E, sobretudo, gostaria que me apresentassem o problema de forma mais objetiva. Por exemplo: existe um cine clube, que funciona todas as sextas-feiras, de 8 às 10. Os alunos não aparecem para ver o filme. O que se pode fazer para que eles apareçam? Será que as pessoas estão informadas desses filmes? Isso a Comunicação poderia fazer, para informar da existência dos filmes. Será que os alunos estão achando que os filmes



são de má qualidade? Vamos por partes: se os filmes forem bons, deveríamos dizer isso; é necessário que o problema seja tratado com objetividade. Em termos gerais, creio que as observações que fiz sobre mudança de comportamento, já servem para clarear os limites em que se pode atuar, e diante de situações concretas, podemos analisar e verificar esse fato.

Campus — Vamos dar um exemplo: querem que se organize grupos de teatro. A Universidade, ao invés de notar que isso é da área de Extensão, joga o problema para ser tratado pela Diretoria de Assuntos Comunitários. A nossa proposta: qual é o trabalho que deveria ser realizado, para a reversão do problema da apatia?

Venício — Em qualquer planejamento de Comunicação, a primeira coisa a ser feita é ir até a audiência e ver o que ela está achando do problema.

Campus — Como se analisa a audiência?

Venício — Primeiramente, deve-se fazer a pesquisa.

Campus — E qual é a extensão, a técnica dela?

"No Brasil, a propaganda atua mais na área do simbólico, do sonho, de colocar as coisas como um paraíso."

Venício — Você não pode nunca cometer o erro de generalizar a partir da sua própria experiência. No caso específico, a primeira iniciativa é fazer um levantamento junto ao cliente, isto é, junto ao Setor da UnB institucionalmente interessado em acabar com a apatia. Antes de começar a pesquisa, teríamos que saber exatamente quais são as proposições desse órgão. E deveríamos saber exatamente o que há disponível: Se, por exemplo, a DAC me dissesse que dispõe de verbas para teatro, exposições, cineclubes, etc, então surgiria a questão: os alunos estão sabendo da existência dessa verba disponível? Isso seria algo



que a comunicação poderia fazer, em tese. Antes da pesquisa, evidentemente, teríamos que fazer um planejamento com objetivos determinados. Identificar exatamente o que o cliente deseja, para que se possa pesquisar, e assim a audiência já fica praticamente definida. Se as áreas são teatro, letras ou música, eu deveria saber:

1 - os alunos estão informados?

2 - se já estão, qual a atitude deles em relação ao problema:

qual o tipo de comportamento que eles têm diante dessas iniciativas da Universidade?

Campus — Para agir nesse meio, lhe ocorre, de antemão, veículos e formas de comunicação, não usados atualmente, aplicáveis na vida do Campus?

Venício — Não sei. Em linhas gerais, uma pergunta como essa me leva a pensar em termos de veículos de comunicação de massa. Se tivéssemos por exemplo, uma Rádio Universitária, ela poderia fazer muito; lamentavelmente não temos. Acredito que a comunicação aí deve ser num nível bastante informal, mais afetivo, tipo bate-papo. Talvez o próprio Campus, pudesse atuar, desde que analisássemos o lado, entretanto, temos que notar a diferença entre a situação de mercado e a situação da Universidade. Pessoalmente tenho experiências diferentes das vividas pelos alunos de hoje. A participação dos alunos, na Universidade brasileira, no meu tempo era maior, pois estávamos vivendo um momento específico da História do Brasil. A par-

ticipação estudantil se dava num nível diferente do que a proposta hoje, de participação estudantil.

Campus — Quais são, especificamente, as causas dessa apatia? Antes ela não existia...

Venício — Creio que não omiti isso. A minha primeira preocupação foi definir as formas de participação. A partir do momento em que se define isso, você pode estar falando em apatia em termos de participação política, e o DAC pode estar falando em apatia em termos de teatro. São coisas muito diferentes. Embora o teatro possa ter um conteúdo político, estamos trabalhando com comportamento humano, por isso, muito complicado. Se você deseja saber a razão última por que as pessoas agem de determinada forma, é muito difícil. Uma das maneiras de focar o problema, é pensar como ele era e como é hoje, e buscar identificar as razões. Eu tenho experiência de quase dois anos

numa universidade americana, vivendo dentro do Campus. Parece-me que há mais participação, embora com curvas (oscilações). Todos os departamentos das Universidades americanas têm par-

"O que é que a gente faz aqui dentro do departamento, além de preparar, dar e assistir aulas?"

ticipação, motivação específica. É claro que o sistema funciona de forma diferente, integral, morando na Universidade. Ela é um conjunto de atividades que inclui o lugar onde ele dorme, come, e a sua vida gira em torno dos problemas de lá. Essa situação facilita aproximação entre as pessoas, discussões de problemas. É óbvio que o envolvimento do aluno com a Universidade de Brasília, talvez pudesse ter mais promoções de caráter acadêmico. A produção científica aqui na Comunicação é muito pequena: o que é que a gente faz aqui dentro do departamento, além de preparar, dar e assistir aulas? A carga de trabalho que você tem faz com que você fique todo tempo preparado para aulas. Tivemos um Seminário de Propaganda em 1971; agora teremos vários seminários que o departamento promoverá, com a área de Extensão. Talvez seja um caminho para que se crie um clima de mais discussão, mesmo a nível acadêmico. Preparar, instrumentalizar o aluno

para a vida profissional, parece-me ser, ainda, uma das funções básicas da Universidade.

Campus — Se alguém lhe encomendasse esse projeto, como você reagiria?

Venício — Devo deixar clara a minha posição. Em 1972 a Secretaria de Serviços Sociais do GDF estava com problema do menor abandonado, no DF. Dividimos a turma em três grupos, partindo da idéia de que deveríamos fazer as coisas com a teoria e a prática juntas. Um dos grupos trabalhou quatro meses e a conclusão que chegamos foi a de que a comunicação não poderia ajudar a resolver o problema, e talvez até o agravasse. No processo de identificação do problema e de constatar o que é que a Propaganda pode fazer, chegamos à conclusão de que não podíamos fazer nada. Uma das características básicas do consumidor competente é saber identificar o que a comunicação pode ou não fazer. Estou dando esse exemplo para que fique claro que a Propaganda não tem resposta para todos os problemas, é evidente que não.

Campus — A propaganda cria necessidades de consumo. É um sofisma: a bolsa nunca deu nada a ninguém, ela respondeu a estímulos falsos. Então todo o mundo, especialista em análises econômicas, dá essa resposta. A comunicação

criou N fatores, N expectativas de consumo.

Venício — Você viu o que aconteceu com a bolsa? E com o pessoal que estava na bolsa, que tinha ido nessa, e que não era real...

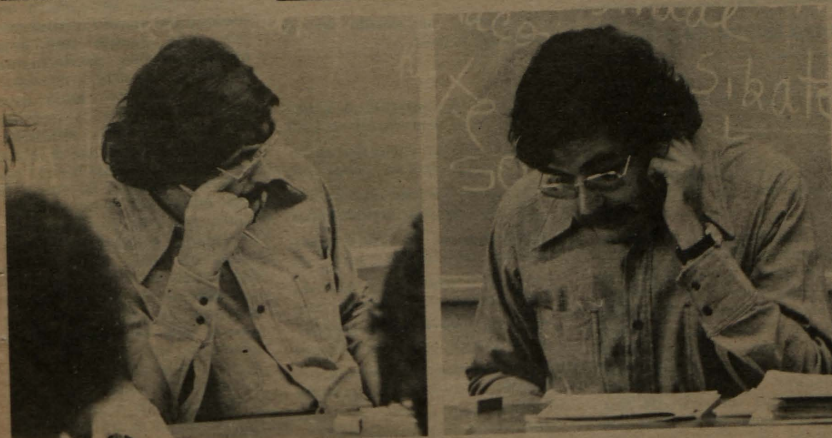
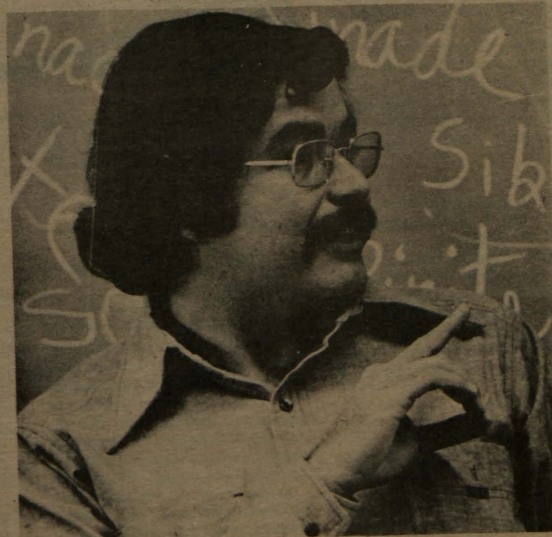
Campus — Até que ponto a propaganda assume, no cotidiano, essa atitude ética?

Venício — É uma pergunta difícil de ser respondida, eu posso falar por mim, mas não posso falar pelo comportamento dos publicitários.

mação teórica que possuo. O compromisso com a verdade deve ser fundamental, em qualquer indivíduo que trabalha em comunicação, em termos de Publicidade e Propaganda, isso é inevitável se o sujeito não está trabalhando com a verdade, entra mesmo pelo cano, a médio ou longo prazo. Esse é um dado da teoria e prática. Você citou o problema da bolsa: e a propaganda criou uma idéia falsa de algo que não existia, você viu bem o que aconteceu. Eu nunca entrei nessa porque nunca tive poupança suficiente; é óbvio que não nego que os instrumentos de Comunicação que a Propaganda utiliza pode, muitas vezes, criar uma imagem falsa.

Campus — O objetivo dessa entrevista é muito menos colocar um assunto. Sabemos agora qual seria a participação da propaganda no problema da reversão da apatia.

"O compromisso com a verdade deve ser fundamental."





INQUÉRITO

Nada a Ver

Regina Stella Moreira, 24 anos, aluna do terceiro ano de Pedagogia, quando fica na UnB nos fins de semana, estuda e vê um pouco de televisão, pois sua colega de quarto ganhou uma de presente da família. Normalmente ela passa o sábado e domingo na casa de parentes, aqui ou em Anápolis. É professora primária.

Ela não sente falta das atividades extra-curriculares, pois trabalha à tarde e à noite. Segundo Regina, Stella mesmo se a UnB promovesse jogos e peças teatrais, ela dificilmente poderia assistir, pois seu tempo é escasso, não podendo prescindir do seu emprego pois tem que mandar algum dinheiro para casa.

Mora em alojamento da UnB e acha que terá que continuar por muito tempo. "O que ganho quase não dá e ainda mando para casa". Não responde se existe ou não apatia no campus universitário, pois não toma conhecimento do que ocorre no dia a dia da Universidade.

Não cre que uma maior incrementação das atividades extra-curriculares na UnB vá fazer com que o estudo superior tenha um maior rendimento. Acha que uma coisa nada tem a ver com a outra. Quem sentiria isso seriam apenas os estudantes que não trabalham, moram na UnB e passam o final de semana no Campus. Mesmo assim acha que eles se sentiriam apenas meio tristes.

"A apatia existe, porque não direi?"

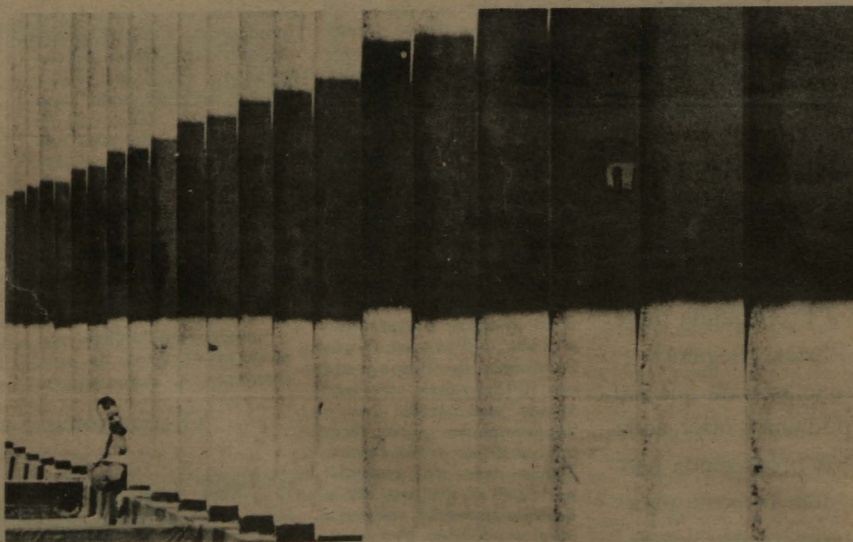
Frederico de Holanda, 30 anos, casado, dois filhos. Há dois anos é professor de Arquitetura na UnB, sendo que há um ano é Chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Seu primeiro contato no ensino, como professor, foi aqui, na UnB, antes trabalhava num escritório no Rio de Janeiro como profissional liberal.

É pernambucano de Recife, onde cursou Arquitetura na Universidade Federal de Pernambuco. Formado há sete anos, sua primeira experiência profissional foi para a Companhia Hidroelétrica da Boa Esperança, com um projeto de novas cidades para substituir as inundadas pela construção da barragem de Boa Esperança.

"Considero muito importante as atividades extra-curriculares e coloco as de extensão como essenciais para o desenvolvimento do aluno no campo cultural, pois elas com-

plementam a formação básica necessária. Acho um absurdo que as atividades esportivas sejam obrigatórias, quando deveriam ser uma opção."

Na sua área, Frederico de Holanda procura estimular todo tipo de atividades de extensão, através de Seminários, programação cultural permanente para os sábados, etc. Foi criado o Caderno Estudantil, onde publicam trabalhos didáticos dos alunos do Departamento; esta publicação é supervisionada pelos professores orientadores e pela representação estudantil. Atualmente o Departamento promove a exposição de trabalhos de atelier (projetos) e procura ainda incentivar esta atividade para torná-la permanente; está sendo programada, para o fim do semestre, uma exposição global. O professor Frederico acha que realmente existe a apatia no meio estudantil.



"De fato existe; por que não direi? Contudo, considero a falta de motivação na participação de atividades curriculares e extra-curriculares, como uma das causas da apatia."

Ela tem 16 anos e faz Geologia

Luciana Dias Vieira, 16 anos, cursa Geologia. Reside em Brasília há três anos, juntamente com seus pais, funcionários públicos transferidos do Rio de Janeiro. Das quatro matérias que se dedica atualmente, ficará reprovada em uma, Cálculo I. "porque se sente obrigada pelo professor a estudar"; nas demais, passará sem muito esforço.

Pensa em trabalhar tão logo lhe surja oportunidade, e se possível abandonar o curso por tempo indeterminado, viajando. Sua falta de pressa em concluir Geologia e o tempo diário que lhe sobra para dedicar-se a outras atividades extra-curriculares resume-se a dois companheiros de estudo e à ginástica obrigatória no Centro Olímpico — nada mais.

"Jamais ouvi falar em outras atividades universitárias que não as meramente esportivas, e espero o dia em que possa sair em companhia com minha turma a caçar pedras preciosas no meio do mato", diz, embora seja da opinião de que sua faculdade procurará retardar ao máximo o conhecimento prático que realmente interessa aos alunos.

assunto, novas colocações a respeito da área, pois é necessário que haja uma movimentação, visto que a monotonia é infrutífera e estéril."

Não dá tempo

Júlio Furukawa, 23 anos, de São Paulo, estudante do 5º. semestre de Engenharia. Dedica à UnB o maior número possível de horas tanto de dia como de noite. Está em Brasília há dois anos e sua ocupação principal é na própria universidade, como monitor.

Não trabalha fora "porque não tem tempo". Além do que ganha na Monitoria, recebe uma quantia de casa.

O seu horário de estudo é integral — fora o tempo dedicado à monitoria —, incluindo parte da noite, na Biblioteca, em vésperas de provas. Sua única diversão é ir

Baixo nível curricular

José Francisco Rezek, 30 anos, professor do Departamento de Direito da UnB, colabora também com o Departamento de Comunicação, onde leciona "Ética e Legislação dos Meios de Comunicação". Formou-se pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1966, e em 1968, fez Doutorado em Direito Internacional Público, na Universidade de Paris. É professor na Universidade de Brasília desde 1971, sendo agora designado para Chefe do Departamento de Direito. Além do Magistério, exerce o cargo de Professor da República, desde 1972.

"Creio que poucos países têm, como o Brasil, um índice tão elevado de estudantes universitários que trabalham, e cujo tempo de consagração ao estudo é, por isso mesmo, parcial. Em linhas gerais, a situação do nosso corpo discente não faz exceção à regra. Partindo desse pressuposto, tenho como mais que satisfatória, neste momento, a atividade extra-curricular oferecida seja pela administração central da Universidade de Brasília, seja por expressivo número de seus departamentos."

"É certo, porém, que esse esquema pode ser progressivamente desenvolvido, já que a UnB tem assegurado a seus alunos, antes de mais nada, um padrão curricular de boa qualidade. Chega a ser comovente que ocorra em certas instituições particulares de ensino superior, espalhadas pelo país, onde se tenta suprir com simpósios, conferências, congressos, encontros e outras promoções, gritadamente anunciadas, um ensino curricular que, na sua própria estrutura, é de baixo nível."

"A apatia, tal como a entendo, é um sincero desinteresse por tudo quanto não seja obrigatório ou estritamente necessário. Não se há de constatar apatia, portanto, onde esse desinteresse derive da real impossibilidade, para o estudante, de participar do que não se inclua entre suas obrigações básicas em vista da conclusão do curso. O meio estudantil se caracteriza, ainda, por uma particular sensibilidade a quanto se lhe proponha como programação extra-curricular, na medida em que seja praticável a participação de cada um. Nem se poderia esperar que as coisas fossem diferentes, uma vez que, via de regra, frequentam-se os bancos universitários numa idade incompatível com a esclerose, a indeferença ou a perda da vontade."

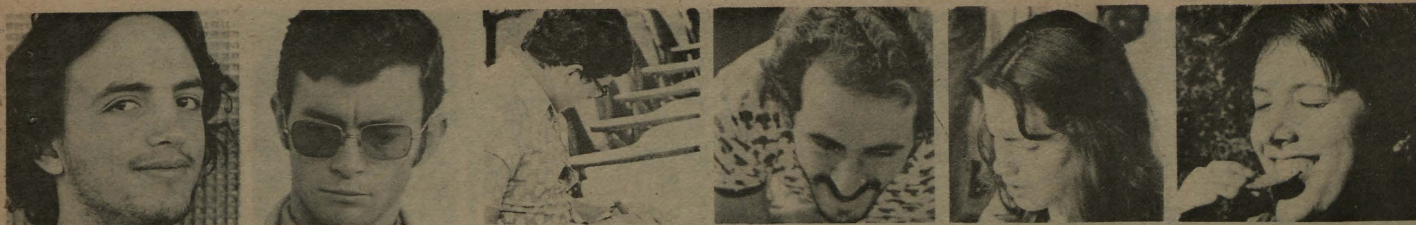
"Consciência filosófica"...

Yolete Fialho de Oliveira, cursa Biblioteconomia, 22 anos, e nesse semestre está fazendo quatro matérias, o que corresponde a 18 horas/aula por semana. É professora primária, o que lhe toma seis horas por dia.

"Acho que as atividades extra-curriculares fazem falta na Universidade, e sobretudo, no meu departamento. A gente tem um bom embasamento da técnica, mas não adquire uma consciência filosófica sobre a importância da Biblioteconomia dentro da sociedade. Essas atividades poderiam ser um ciclo de conferências com professores do

ao cinema no sábado ou no domingo à noite.

"É bem possível que exista uma apatia generalizada na UnB com relação às atividades extra-curriculares. Mas eu nunca tive tempo para observar isto. Tudo o que faço é estudar as disciplinas do meu curso. Eu não procuro outras atividades fora do currículo e acho mesmo que não teria tempo. Na verdade meu curso me absorve todo e cheguei à conclusão de que o importante mesmo é estudar. Preparando-me melhor ampliam-se minhas chances em relação às perspectivas de trabalho futuro."



"Você sente dando aula!..."

Maria de Lourdes Torres Pinheiro, professora de Publicidade do Departamento de Comunicação da UnB, tem 29 anos e há 4 leciona na Universidade.

Nasceu em Anápolis onde ficou até os 12 anos vindo então com a família para Brasília.

Fez vários cursos tanto no Brasil como nos Estados Unidos mas, o que é mais importante "é ser professora da Universidade".

Ao ser interrogada sobre a existência ou não da apatia no ambiente estudantil respondeu que é evidente a sua presença na UnB. E isto "você sente dando aula". Entretanto mesmo apático, o aluno como ser humano precisa conviver. Por isso as atividades extra-curriculares são importantes pois contribuem para o seu melhor entrosamento com o outro.

A seu ver é evidente que as atividades extra-curriculares fazem falta. Apesar de no Brasil não ser comum, universidades estrangeiras apresentam em seus calendários não só programação escolar como também atividades extra-curriculares. Os alunos da UnB têm o Centro Olímpico que não funciona como clube. "Não tem um salão de festa, o que pode parecer cafona, mas faz falta". Tem horário marcado e para frequentá-lo deve apresentar algum documento de identificação que só recebe quando sai.

O Departamento de Comunicação enviou ao Decano assuntos Comunitários uma lista com 54 sugestões do que se poderia fazer em toda a UnB, sendo que o próprio departamento está realizando algumas. Por exemplo, o professor Geraldo Moraes montou um show com alguns alunos interessados em teatro e apresentou em Brasília. Foi bem recebido e já tiveram outros convites para apresentar em outras regiões administrativas.

Outra atividade é o Clube de Cinema que funciona uma vez por semana sob o controle do Departamento.

Tentou-se também fazer aos sábados pela manhã um "atelier de criação". Mas como os alunos já estão desestimulados, não deu resultado.

A UnB oferece aos estudantes concertos e palestras as quais eles apenas assiste. O importante é que ele faça. Portanto é essencial que as atividades extra-curriculares representem o que eles querem devendo partir deles as sugestões.

Sustentando "Maricota"

Licínio Fontana Júnior é professor de Química do Curso Pré-Universitário de Brasília. Solteiro, 22 anos, dois dos quais gastos como

estudante de Química na Universidade de Brasília. Um tempo "em que as decepções foram maiores que as surpresas", segundo ele.

Não se considera mais um estudante profissional. Divide seu tempo entre a Universidade e o cursinho, em Brasília e Goiânia. Dedica 24 horas por semana ao trabalho. Passa na Universidade a maior parte de seu tempo: 40 horas por semana, entre estudos na biblioteca e as aulas das duas únicas matérias que está cursando este semestre: Química Orgânica e Físico-Química.

Seu salário, Cr\$ 2.800, permite que sustente a "Maricota", que é simplesmente um Fusão 72, incrementado com talas largas e decalques do coelhinho do "Playboy" e "escudo do que estão por dentro", na sua própria opinião. Mora com a família, na SQS 105, Bloco D, Apartamento

"Sabe como é, para esfriar um pouco a cuca".

E, além disso, para dar aos alunos uma possibilidade de se integrarem, de conhecerem o que é feito nos outros departamentos.

lugar onde se pensa!

Aristides Inácio Ferreira Marques, 25 anos, cursando o 5º. ano de Arquitetura e Urbanismo. Mora na Asa Sul, não trabalha, e dedica o maior tempo do dia para os estudos. Além disto, gosta de fotografia, música e esportes.

— "As atividades extra-curriculares são fundamentais no cotidiano de uma universidade. Elas representam o que eu chamaria de parte dinâmica do currículo, que considero sem condições de corresponder às necessidades não específicas dos

Cursa o 5º. semestre. Atualmente seu horário de estudo é integral, de segunda à sábado.

"As atividades extra-curriculares me fazem muita falta. As que dizem respeito à minha profissão são muito poucas e geralmente inacessíveis pois são programadas em horários que estamos ocupados em Sobradinho, como residentes.

A solução é procurar os cursos programados por hospitais, mas dificilmente podemos cursá-los, pois geralmente são exclusivos para formados.

Gostaria de poder participar de atividades extra-curriculares de outros departamentos, não só para ampliar minha cultura geral,

minha opinião, o mais movimentado.

No curso de Antropologia, as atividades extra-curriculares são muito poucas. Gostaria de assistir conferências específicas sobre assuntos ligados ao curso. Os cursos de extensão também nos fazem muita falta."

"Na esportiva..."

Maria Soledade Claramunt, de nacionalidade chilena, está no Brasil há 3 anos e meio e cursa a Faculdade de Comunicação. Tem 21 anos e dedica 4 horas diárias a seus estudos dentro da universidade e "tempo indefinido conforme as necessidades" aos estudos fora da UnB.

"Acho que as atividades extra-curriculares são importantes, principalmente porque as considero como essenciais para a formação profissional. Nunca encontrei problemas de relacionamento com os colegas. Considero o relacionamento dos alunos do curso de Comunicação muito bom. Com as atividades extra-curriculares poderia ser melhor e num nível mais profundo. Acho que o interesse dos alunos é muito pequeno, levando o curso na esportiva, sem seriedade. Eles se restringem a fazer apenas o obrigatório.

Falta incentivo por parte dos professores do Departamento, que chega a ser também culpa dos estudantes que não procuram solucionar o problema. Os poucos que têm iniciativas não conseguem fazer nada por falta de cooperação dos colegas."

Não vem ao caso

Maria Cláudia Cavalcante, solteira, vinte anos, estudante de Pedagogia. Mora com a família e vive de mesada: Cr\$ 400 mensais. Possui carro, dado pelo pai. Cursa três matérias, mas, segundo ela, nem sempre assiste às aulas. Seu ponto de encontro com os colegas é a entrada Norte do ICC.

— "Não sinto falta das atividades extra-curriculares, mas admito a existência de apatia na UnB. Eu mesma sou um exemplo. Acredito que o principal problema seja a falta de incentivo aos alunos por parte dos professores. Caso se fizesse uma campanha, ou coisa parecida, para as pessoas participarem da vida universitária, acho que os estudantes reagiriam bem. Mas, acho que a universidade não está preocupada com isto. A preocupação toda é formar médicos, engenheiros ou seja lá o que for. O resto não vem ao caso."

Fazem falta

Maria Josefina de Oliveira, estudante de Antropologia. Neste semestre está cursando três matérias, 14 horas por semana. Tem 20 anos, não trabalha e vive da mesada do pai.

— "Acredito que as atividades extra-curriculares fazem falta na Universidade, embora elas existam em número razoável em certos departamentos. Acho que há falta de um bom serviço de divulgação. O departamento de Letras é na

estudantes. Essas atividades, cinema, teatro, música, esportes, recreações, não se justificam apenas para preencher tempos vazios, mas que possam oferecer às pessoas uma maior abertura e compreensão da realidade.

Tudo me leva a crer que as atividades extra-curriculares ajudam o estudante a uma melhor compreensão do mundo atual. Uma das maneiras de aproximar-nos dessas idéias é não considerar a UnB um local apenas para transmissão de conhecimentos já solidificados. Ela tem que ser um lugar onde se pensa."

"Gostaria de participar"

José Cláudio Jardim, 21 anos, estudante de Medicina.



006, frequenta a Comunhão Espírita de Brasília e nos sábados o Clube. As noites dos fins de semana são passadas no boate, do late Clube ou nas fontes Kakti e Shalako, mas sempre com a mesma menina, sua transa atual, uma estudante de Medicina. Aliás, Medicina sempre foi sua grande frustração. Prestou três vestibulares e nos três foi reprovado. Para ele, namorar uma "mina" de Medicina é, até certo ponto, uma forma de compensar seus desejos frustrados.

A apatia existe na Universidade apenas nos cursos de Ciências Exatas, onde o aluno não tem tempo para nada, a não ser para se dedicar aos estudos. Deveria haver um programação mais branda, com atividades extra-curriculares tais como cinema e teatro."



Sistema de créditos: muito pesado na UnB

Young Tsen Men é professor de pulsos e eletrônica básica na Faculdade de Engenharia Elétrica da UnB. Veio de Formosa (China), onde se formou em Engenharia e Matemática, estudando depois nos EUA especializando-se em Radar. Há cinco anos no Brasil, cursou pós-graduação em Engenharia na Escola Politécnica de Campina Grande, Paraíba. Com 46 anos, leciona há dois anos na UnB.

— "O principal motivo que leva os alunos a não participarem de atividades extra-curriculares na UnB, é a pesada carga de créditos que ele faz em cada semestre, além de muitos terem necessidade de trabalhar fora para se manter.

O sistema de créditos adotado na UnB é muito pesado. Assim, ao invés do aluno estudar a fundo determinado assunto, como nas universidades européias e norte-americanas, fica pegando um pouco de cada coisa, seguindo o currículo de sua escola.

Isto obriga o estudante a ficar até de madrugada estudando, para tirar notas medíocres. Se ele se dedicasse a um número menor de matérias, teria condições de aprender muito mais, além de ter maior tempo para se dedicar às atividades extra-curriculares".

Admite a apatia na Universidade, se for comparado com as universidades americanas, onde estudou. No caso da UnB acha que a apatia está diretamente vinculada ao problema da pesada carga horária geralmente inacessíveis pois são principalmente dos cursos técnicos".

Não participação

Laisy Roriz, 38 anos, Coordenadora do Curso de Serviço Social. Membro da Câmara de Assuntos Comunitários. É professora da UnB desde 1971.

Para a professora Laisy Roriz, as atividades extra-curriculares fazem muita falta. Sem elas não pode haver o encontro e intercâmbio entre os membros desta comunidade e por isso não se pode desenvolver aqui, o espírito comunitário.

Gostaria muito de ver no curso de Serviço Social, seminários, debates, semanas de estudo sobre problemas sociais.

A seu ver, a apatia pode ser tomada como sinônimo de não participação.

"Não existe apatia!"

Marcelo Ramel Borges, 32 anos, professor de Geologia Geral. Veio da Paraíba, onde lecionou durante um ano e meio a mesma disciplina.

Ganha três mil e mora no CO!

Mário Camargo, 26 anos, estudante do 2º ano de Geologia. Mora num apartamento com mais três colegas no Centro Olímpico da UnB. "Baiano" chegou a Brasília há dois anos e meio e diz gostar muito da cidade, de "onde só saio formado."

— "Se a Universidade promovesse mais atividades entre os alunos, o tempo passaria mais rápido para os que moram nos alojamentos. Parto do princípio de que estas pessoas não possuem uma condição econômica muito boa."

Mário Camargo lembra o seu caso quando chegou à Brasília. Recebia uma pequena quantia de sua família que mal dava para pagar sua alimentação. Pessoa de fácil comunicação, logo se entrosou com os colegas e tão logo passou no vestibular, foi morar no Co.

Hoje cursa apenas três matérias, pois precisa de tempo para trabalhar. É corretor de imóveis chegando a ganhar nas

INQUÉRITO

"Elementos da Linguagem, Estética e História da Arte 1". oferecida pelo Departamento de Desenho.

Segundo o professor Rogério Costa Rodrigues, as atividades extra-curriculares fazem realmente muita falta na UnB. Na área de teatro e cinema, sua especialidade, ele sugere três atividades, que deveriam ser desenvolvidas pelos estudantes: a criação de um cine-clube, que funcionaria principalmente como um lugar de debates sobre cinema, de análise de filmes, de estudos cinematográficos em geral; a criação de grupos teatrais, iniciativa que deveria partir exclusivamente dos estudantes e a promoção de palestras sobre problemas da Universidade e principalmente da cidade, permitindo uma integração mais profunda dos

dinheiro para a família todos os meses. Passa o dia inteiro na escola, em aulas, ou no laboratório. De noite trabalha em um banco.

— "Passo o tempo todo na escola. Só procuro as atividades programadas pelo currículo, pois não há tempo para se pensar em mais nada. Não há outra opção. Na Medicina não existem filmes nem programas, como organizam no Departamento de Comunicação.

Quando a gente se reúne por aqui, é para discutir um assunto qualquer de anatomia ou coisa semelhante. Mesmo se há alguma coisa para se ver no auditório de música ou alguma palestra eu nunca posso ir, pois meu horário é muito puxado.

Nos fins de semana vou até a um cinema ou fico no quarto estudando. Enquanto estudo dou uma olhada nos programas de TV."

— Fortaleza, Cajazeiras, Recife e Salvador. Gosta muito de teatro popular e do regional, como os de Ariano Suassuna e João Cabral de Mello Neto. Dirigiu em Brasília as seguintes peças: "Esta vida que se chama encontro", Romanços da Inconfidência" e "A espera dos mortos", patrocinadas pelo SESC. Em janeiro último fez curso de 22 dias no Teatro Anchieta em São Paulo. Estudou também, direção e cenografia com José Carlos Andrade.

Colabora sob orientação do professor, na parte prática de treinamento da Disciplina Técnica de Cinema e Teatro. Tem uma carga-horária de 20 horas-aula na UnB, todas na parte da manhã.

"Eu me sinto só!"

Francisco W. Cesar de Araújo, 21 anos, estudante de Estatística. Trabalha no Incra, fazendo estágio. Dedicar 24 horas da semana à universidade.

"Sinto muita falta de atividades extra-curriculares aqui na UnB. Estudo muito e me sinto só. Acho tudo aqui muito desanimado. Não há teatro, cinema, não há conferências. Deveria existir um meio de atrair as pessoas para participarem de atividades em grupo."

"Proponho maior abertura!"

Antonio Augusto Huebel Rebelo, 21 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo. Trabalha em firma construtora. Mora com a família na Asa Sul. Permanece na UnB apenas quatro horas por dia, mas estuda em casa durante três horas. Dedicar ao trabalho 7 horas por dia. Não desenvolve nenhuma atividade extra-curricular.

— "Existe apatia na UnB. O ambiente é péssimo. Não vejo saída com a estrutura que existe. Gostaria de participar de grupos de estudo e discussão sobre os problemas da comunidade universitária. Gosto de cinema e teatro apenas como espectador. As próprias pessoas não parecem estar interessadas nas atividades extra-curriculares, mas acho que todos sentem necessidade de fazer algo.

Proponho maior abertura para que os estudantes se sintam mais soltos e livres. O clima é importante. As pessoas têm que se sentir mais seguras para que possam extrapolar sua capacidade de comunicação com os outros e com o mundo."



horas vagas até Cr\$ 3.000. Deverá sair do alojamento universitário por estes dias, pois a UnB só fornece moradia para as pessoas comprovadamente de renda baixa. Ele também tem carro.

Vazio Cultural

O professor Rogério Costa Rodrigues nasceu em Minas Gerais na cidade de Cambuquira. Tem 39 anos e viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro onde se formou em Direito, "por imposição da família". Seu verdadeiro interesse sempre esteve voltado para as artes, principalmente o teatro e o cinema. Veio para Brasília há doze anos. Participou aqui da criação de um cine-clube, hoje extinto. Está na UnB há quatro anos, como professor de

estudantes com a realidade existente ao seu redor.

O professor Rogério não admite uma apatia do meio estudantil, no sentido de falta de interesse dos estudantes, mas concorda que a participação dos estudantes em termos de atividades extra-curriculares, é muito baixa. Explica essa não participação como sendo um reflexo do "vazio cultural" existente em Brasília. — "Pode parecer um comportamento apático, mas na verdade é apenas um reflexo do vazio cultural".

Não há opção!

Sérgio Sussuno Irata, 21 anos, estudante do 4º semestre de Medicina. Veio de São Paulo. No começo vivia da mesada de casa. Agora, dois anos depois, já manda

Exu estudou teatro.

Agora ensina.

William Pinheiro de Vasconcelos, mais conhecido como EXU, tem 25 anos, é paraibano e diploma-se no final do ano em todas as opções da Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Audio-Visual). Procura participar de quase todas as atividades do Departamento e se considera muito mais "fofoqueiro" e barulhento do que badalado. Sem esconder o típico sotaque regional, considera o pai, Vicente Pinheiro de Vasconcelos, o melhor amigo que possui.

Exu estudou teatro em São José de Piranhas — onde nasceu



Fazer "pic-nic" resolve?

Pedro da Trindade Lopes, 42 anos, estudante de Administração. É funcionário público. Dedica 24 horas semanais à UnB.

"Acho que aqui na UnB existe uma apatia muito grande entre os estudantes. Não existe interesse dos próprios alunos em tentar uma aproximação, de conhecer novas pessoas, de formar grupos. Lá no Rio de Janeiro, eles organizavam pic-nics, reuniões de violão todos os filmes de semana. Formavam um grupo bem grande que estava sempre aumentando.

Acredito que se houvesse um lugar aqui na UnB para reuniões dos estudantes, já seria o primeiro passo para começar uma vida mais ativa, mais alegre. Nessas reuniões poderiam discutir e trocar idéias para programações."

"Sintoma do estado depressivo!..."

Dejano Tavares Sobral tem 41 anos, nasceu na Bahia, "mas é carioca de coração". É casado, tem cinco filhos, e está na UnB desde 1967. Diretor da Faculdade de Ciências da Saúde desde 1970, seus "hobbies", segundo ele, são mais contemplativos do que de participação: música e literatura.

Dejano Tavares Sobral mostrou-se surpreso com a idéia de uma pesquisa sobre a apatia. Os estudantes de medicina parecem só conhecê-la em termos médicos, ou seja, como um dos sintomas da fase inicial do estado depressivo.

Se formos caracterizar a apatia como um alheamento das atividades, ou uma diminuição do relacionamento com as pessoas e com as coisas, os estudantes de medicina podem, jubilosamente, (não confundir com jubilandamente), considerar-se "fora do time". A própria natureza de seu campo de estudo exige que ele participe intensamente das atividades curriculares, assim como da experiência de medicina comunitária no hospital de Sobradinho.

Para descarregar a agressividade, e desenvolver a anatomia, os futuros médicos, adeptos do "mens sana in corpore sano", desfrutam da multiplicidade de atividades proporcionadas pelo centro de educação física, praticadas, invariavelmente, em horários

extras: na hora do almoço, no fim do dia, ou no fim-de-semana.

O professor Sobral, pessoalmente, gostaria de vê-los envolvidos em teatro. Começando como atividade extra-curricular, para depois ser trazido para a própria atividade curricular. Isto porque um dos fundamentos da medicina é o relacionamento médico-paciente. Um curso de arte dramática e expressão corporal permitiria ao jovem médico um desenvolvimento do domínio afetivo, assim como um maior conhecimento de atitudes, fatores indispensáveis, não só para o psiquiatra, como para qualquer médico.

"Criar é destruir a morte"

Cassiano Nunes, professor do curso de Letras.

Ingressei na UnB em janeiro de 1966 — Carlos Drummond de Andrade é que me encaminhou para cá —, e nela vim achar na ocasião um clima de crise: ânsias de destruição e o achincalhe da instituição. Hoje, deparo com uma tranquilidade um tanto pálida. Desligado das facções, tenho pautado, de certo ingenuamente, minha vida por uma frase simples, lida na minha adolescência: "Criar é destruir a Morte". É de Romain Rolland, autor que me marcou. Isto explica igualmente minha ojeriza pelo criticismo vão, rebeldes sem causa, e pela rotina.

Daí concluir-se que aspiro, para a UnB, um destino fecundo que ultrapassa os deveres cotidianos da organização.

Não creio que se possa chamar de apatia o estado atual sociedade de consumo, mais a caça ao diploma, que constituem os impulsos mais fortes a conduzir as massas para a Universidade. Com objetivos tão tacanhos, difícil é sacralizar a

INQUÉR

Universidade, outorgar-lhe uma dimensão espiritual. Também devo dizer, que nunca houve, no Brasil um ideal nacional criativo, capaz de empolgar a todos, um mutirão de nacionalidade. E não é com slogans bobocas que se conseguirá tal coisa. Entre nós, sempre se sobrestimou a liderança, cuja importância, de modo algum, nego. Mas, uma nação carece não apenas de líderes: precisa de todos.

Um plano para a revitalização da UnB:

A criação de um plano de estímulo a criatividade, que unisse mestres e alunos — pois a Moderna. Eu, sinceramente, me sinto orgulhoso destes com-

panheiros. Na UnB, conheci pessoas admiráveis, e só vou lembrar um nome, vivo na minha saudade: o velho Vicente do Rego Monteiro, "o inventor" como o chamou João Cabral de Mello Neto, artista que tenho visto consagrado em todos os museus do Brasil, e que estava disposto a enriquecer as paredes de nossa reitoria com murais, que hoje seriam de valor enorme. O que nunca mais poderá ser feito! Estudantes, também conheci, aqui, de valor, que, agora, formados, já se estão notabilizando em suas carreiras.

Sou um otimista, no que se refere ao Brasil e a UnB. Mas, acontece que não sou otimista, ufanista, ou superficialmente rotariano: sou um otimista crítico. Acho que contamos com muitos valores positivos. Trata-se apenas, no caso específico da Universidade, de transmitir-lhe o ideal poético-poesia deriva-se de poesias, ação de fazer. A própria fisionomia do Brasil é um convite ao grandioso, à transcendência do plano bom senso. Brasília constituiu-se a vitória deste ideal que parece condoreiro, mais está se patenteando do melhor realismo. A UnB e Brasília devem impor, ou melhor, devem ser fiéis a este espírito.

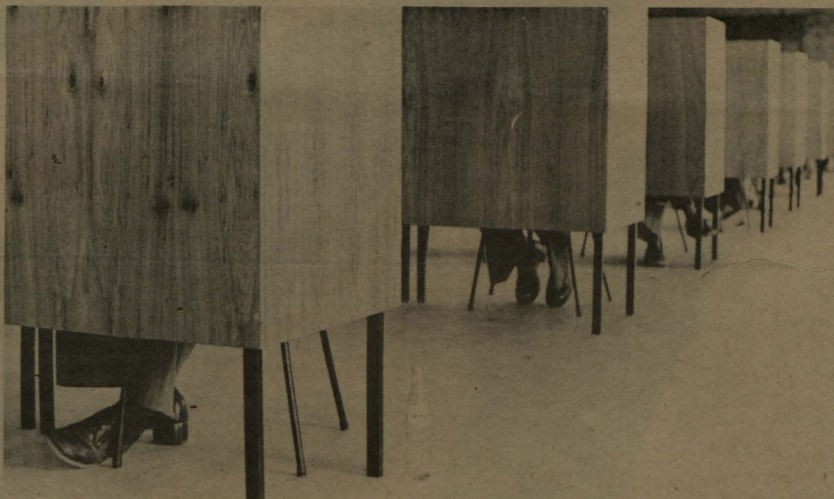
"Apenas para assistir aulas"

Maria dos Remédios de Freitas Melo, 25 anos, estudante de Publicidade e Audio Visual no Departamento de Comunicação. Nasceu no Piauí, morou em Pernambuco e Niterói, antes de vir para Brasília em 1970.

Professora de teatro no Curso Universitário, já participou de inúmeras peças em Brasília. A última que dirigiu foi "A construção de Altimário Pimentel".

"Existe muita apatia na UnB. Metade por culpa dos alunos, metade por parte da própria universidade que não se preocupa em criar condições para um bom entrosamento. Os estudantes se sentem um pouco perdidos, quando aqui ingressam, inclusive por não conhecerem a própria estrutura física do prédio em que vão passar grande parte do dia.

Poderia haver maior participação em seminários, cursos de teatro, música, enfim, motivos que fizessem os estudantes virem mais vezes para a Universidade. Hoje em dia, ele vem apenas para assistir aulas."



"Seria ótimo um bate-papo"

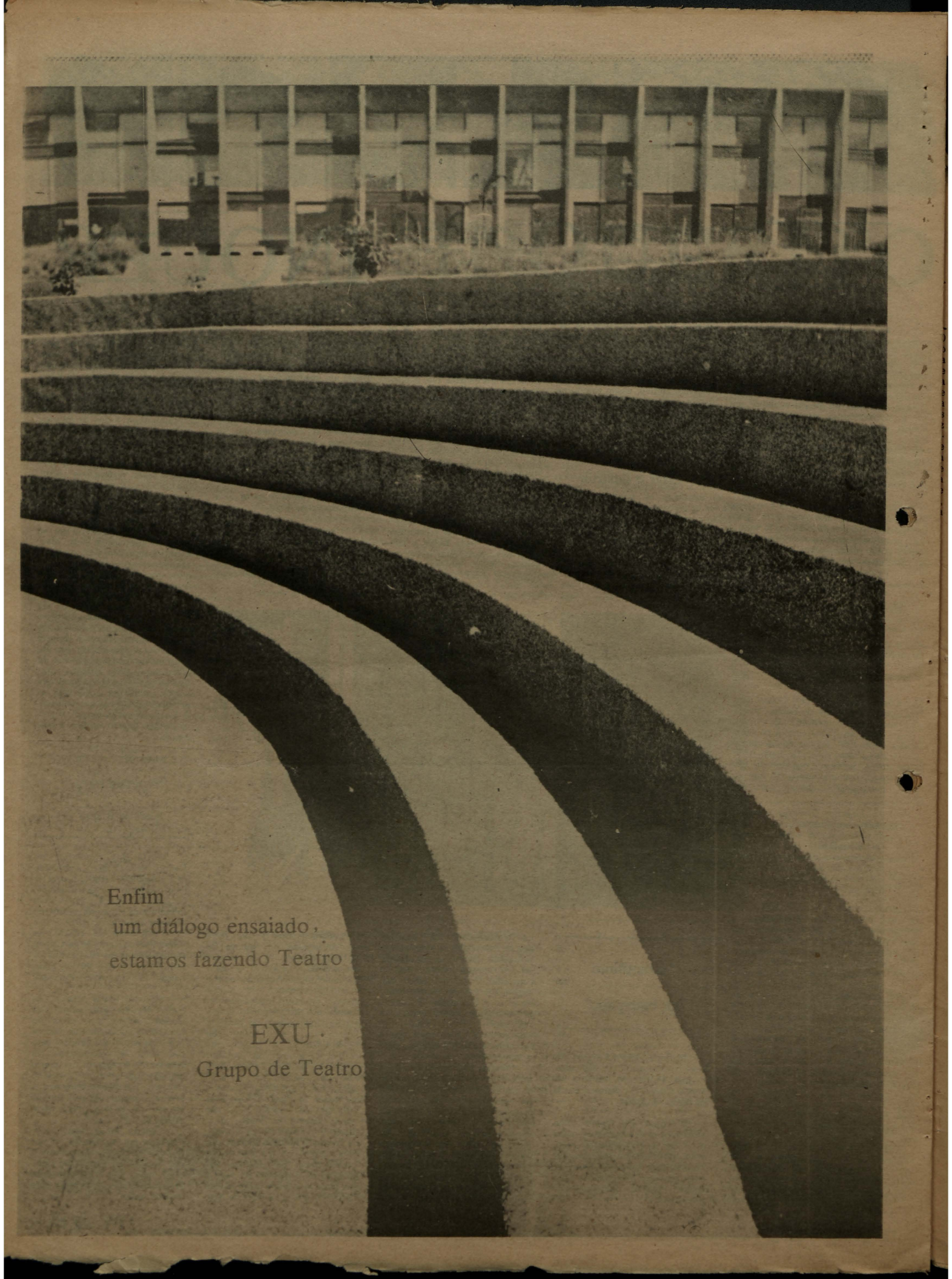
Marlene Helena Lacerda, 23 anos, estudante de Estudos Sociais. Professora primária na Escola Classe 711 Norte. Estuda 20 horas semanais.

"Acho que existe uma total falta de entrosamento entre os alunos na Universidade. Seria ótimo uma salinha para escutar música, onde houvesse reuniões, bate-papo, etc. Também faz falta teatro, cinema, conferências e palestras.

da Universidade de Brasília, porque nela podemos observar um progresso, que talvez, por alguns, ser considerado lento, mas é constante. O que me parece não existir ainda é um planejamento para a criatividade. Estamos, provavelmente, muito limitados à realização dos cursos, e negligenciando uma parte que é também de alta importância para a universidade.

Muitos fatores explicarão a falta de uma maior dinamização da UnB e o mesmo poderá ser dito da maioria das universidades brasileiras. Não tenho a pretensão de conhecer todos, mas uma observação farei: a Universidade não é uma ilha. Nela repercutem todas as falácias sociais. Todos nós sabemos que são ainda a procura de status e a conseqüente administração ao department store de sonho de Natal, que é a

Universidade antes de tudo, deve ser constituída de equipes de trabalho comum —, em tarefas determinadas, visando o aperfeiçoamento individual de todos e o enriquecimento da Nação através de obras realizadas —, deveria ser um propósito nosso. Há na Universidade de Brasília, felizmente, no setor de humanidades, o único que conheço, gente da melhor qualidade. Mestres da filosofia e estética, musicistas, artistas plásticos, cinematografistas e escritores, capazes de excelente produção, não faltam — e não estou exagerando. Vejam só o sucesso do Quarteto de Cordas, do Conjunto Modalis Modali, dos filmes realizados por pessoal da Universidade, das últimas exposições do Instituto de Arte e das comemorações referentes a Castro Alves e a Semana de Arte



Enfim
um diálogo ensaiado,
estamos fazendo Teatro

EXU
Grupo de Teatro

(...)

Neste momento há um casamento
Porque hoje é sábado
Há um divórcio e um violamento
Porque hoje é sábado
Há um homem rico que se mata
Porque hoje é sábado
Há um incesto e uma regata
Porque hoje é sábado
Há um espetáculo de gala
Porque hoje é sábado
Há uma mulher que apanha e cala
Porque hoje é sábado
Há um renovar-se de esperanças
Porque hoje é sábado
Há uma profunda discordância
Porque hoje é sábado
Há um sedutor que tomba morto
Porque hoje é sábado
Há um grande espírito-de-porco
Porque hoje é sábado
Há uma mulher que vira homem
Porque hoje é sábado
Há criancinhas que não comem
Porque hoje é sábado
Há um pique-nique de políticos
Porque hoje é sábado
Há um grande acréscimo de sífilis
Porque hoje é sábado
Há um ariano e uma mulata
Porque hoje é sábado
Há uma tensão inusitada
Porque hoje é sábado
Há adolescência seminuas
Porque hoje é sábado
Há um vampiro pelas ruas
Porque hoje é sábado
Há um grande aumento no consumo
Porque hoje é sábado
Há um noivo louco de ciúmes
Porque hoje é sábado
Há um garden-party na cadeia
Porque hoje é sábado
Há uma impassível lua cheia
Porque hoje é sábado
Há damas de todas as classes
Porque hoje é sábado
Umas difíceis, outras fáceis
Porque hoje é sábado
Há um beber e um dar sem conta
Porque hoje é sábado
Há uma infeliz que vai de tonta
Porque hoje é sábado
Há um padre passeando à paisana
Porque hoje é sábado
Há um frenesi de dar banana
Porque hoje é sábado
Há a sensação angustiante
Porque hoje é sábado
De uma mulher dentro de um homem
Porque hoje é sábado
Há a comemoração fantástica
Porque hoje é sábado
Da primeira cirurgia plástica
Porque hoje é sábado
E dando os trâmites por findos
Porque hoje é sábado
Há a perspectiva do domingo
Porque hoje é sábado.

VINICIUS DE MORAES



CRIATIVIDADE

Porque hoje é sábado

Numa iniciativa para acabar com a apatia, a Representação Estudantil do Departamento de Comunicação instituiu a "Sala da Criatividade" onde os alunos poderiam se dedicar, aos sábados, às iniciativas pessoais de caráter extra-curricular. O primeiro dia da nova sala foi 18 de maio e quatro depoimentos mostram seu índice de "criatividade" em relação à apatia, numa visão geral do que foi o campus da UnB naquele sábado.



SÁBADO, 18 DE JUNHO
CAMPUS DA UnB.

PEDRO CAMPOS

Há uma preocupação geral na UnB em acabar com a apatia dos estudantes quanto às atividades extra-curriculares. Uma autoridade da Reitoria, por inspiração do ministro Ney Braga, da Educação, já anunciou a necessidade de se descobrir quais os motivos dessa terrível apatia que se abateu sobre o campus nos últimos anos.

Alguns estudantes, por sua vez, manifestaram-se francamente interessados em saber o que é a Reitoria propõe para acabar com a indiferença.

Tomando conhecimento das novas predisposições o Departamento de Comunicação passou a liderar - dentro do campus - uma série de iniciativas visando atrair os alunos para atividades extra-curriculares.

É lógico que não se trata de estimular o surgimento de atitudes contestatórias a fatos ou a pessoas. Isto seria a expressão clara de um posicionamento político. Não é o que se procura, porque não se pretende tanto.

O objetivo é despertar no aluno o gosto por iniciativas de criatividade não necessariamente presas ao currículo escolar. Levá-lo a se interessar por uma colocação crítica em relação a diversos assuntos não sugeridos pelos professores.

Dentro dessa idéia, o Bloco de Jornal sugeriu aos alunos um levantamento da situação atual, tomando-se o sábado como padrão de aferimento para medir o "índice de apatia" reinante no campus.

A escolha de um sábado tem sua explicação: há menos aulas, os estudantes estão mais livres - acredita-se - para se dedicarem a outras atividades como leitura espontânea, ensaios de teatro, conferências, cinema.

Como aluno do Bloco, eu também fiz o trabalho.

Comecei o meu giro pelo campus passando vagarosamente pelo prédio da Reitoria. Não vi os Dodges pretos estacionados à sombra, de portas abertas.

¶ que havia - às nove horas, mais ou menos - era o varredor de sempre, munido de sua vassoura e acompanhado de de sei carrinho equilibrado verticalmente sobre duas rodas apenas. O homem varria, indiferente.

Quem entra no campus pela alameda principal, logo depois da Reitoria encontra o gramado que circunda o Restaurante Universitário.

Nas redondezas do Restaurante está a banca de revistas e jornais onde a turminha tradicional acotovelava-se para ler os principais títulos. Mas o "Jornal dos Esportes" era o foco das atenções.

Manchetes bem mais importantes, narrando a morte de 30 pessoas durante uma explosão terrorista no centro de Dublin, ou o encontro de Geisel com Stroessner, em Foz do Iguaçu, para assentar as bases da "Itaipu Centrais Elétricas S/A", eram menos procuradas.

Na barbearia ao lado - onde o barbeiro conhece todo mundo por "conterrâneo", embora ele tenha nascido "apenas nas Alagoas" - as portas ainda estavam fechadas.

A cantina já abria, e umas 14 pessoas em pé, na frente do balcão, tomavam o seu "pingado", ainda com olhos de sono... talvez por terem "rachado" a noite anterior - entrando madrugada adentro - na Biblioteca.

Saindo da área do Restaurante, me dei conta que a Bandeira da UnB estava hasteada "a-meio-pau". Na Câmara e no Senado essa mensagem é menos rara. Lá, todos são ilustres e logo se sabe quem foi que morreu. Eles não nos conhecem, mas nós os conhecemos. Aqui na Universidade, porém, o senso comunitário é tão frágil que ninguém conhece ninguém. E ao ver a Bandeira "a-meio-pau", nem sequer pude imaginar quem teria morrido, como? onde? a que horas? um colega? um professor? um funcionário? o que era? de onde veio? para onde ia?

(Nenhuma resposta. Apenas a Bandeira mudamente "a-meio-pau".)

Fui para o Bloco dos Correios. Tudo parado. As repartições administrativas abertas "à meia porta".

Chegando ao "Minhocão", notei o estacionamento lotado, como nos dias úteis. Acontece que o projeto de eliminar as aulas de sábado ainda não estava em execução. Em alguns Departamentos há menos aulas. Em outros o funcionamento é normal. Isso explica porque o estacionamento estava cheio àquela hora da manhã, sem qualquer sintoma de "apatia".

Na Entrada Norte, aglomerava-se uma pequena multidão - umas 200 pessoas - que aproveitava o último dia do prazo, inscrevendo-se para o vestibular de julho. Uma funcionária me informou que mais de quatro mil inscrições já haviam sido feitas. Tive então a curiosidade de multiplicar esse número pelo valor da taxa paga por cada candidato: 4.000 x 134 536.000.

No Departamento de Comunicação achei a famosa "Sala da Criatividade" sem qualquer indício da própria: três cavaletes - desses que os engenheiros e os publicitários usam - com três copos imbecilmente cheios de lápis. Ninguém criava. Não havia ninguém na sala.

Mas, na sala 15 - final do corredor - sim, O "Exú" falava de teatro "em altos brados" (já dá para entender) perante um grupo de pessoas tribalmente sentadas em círculo, no chão (amontoaram as cadeiras num canto).

Em outra sala, deparei com o professor Rogério-falando deliciosamente sobre Luis Buñuel e preparando um projetor para exibir "Un Chien Andaloux" (um curta-metragem de 45 anos atrás mas tão bem bolado quanto difícil de entender. "Talvez pela "exploração" de Salvador Dali", como salientou Rogério).

O último lugar para medir o grau da "apatia" nessa manhã de sábado era, agora, a Biblioteca Central, para onde me dirigi em seguida.

Uma fila de alunos, com livros abertos nas mãos, esperava para tirar fotocópias, em frente do balcão da Seção de Reprografia. (Ao preço de 50 centavos por página xerocada.)

No Acervo Geral uma bibliotecária me informou que "nos dias de sábado o maior número de alunos que frequenta a biblioteca não é da UnB e sim do CEUB, UDF e colégios do II Grau.

Atrás das "roletas" da entrada, dei uma olhada nos boxes de telefones onde os aparelhos estão pendurados há uns seis meses e cuja utilização está vedada por um aviso (de igual idade): "em instalação". Num desses aparelhos a mão anônima da espiritualidade colou uma frase sintomática: "Estou mudo, e nem ligo".

Uma seção que nunca deixo de visitar quando vou à Biblioteca aos sábados e domingos é a de Biografias. Lá encontrei uma garota razoavelmente feia - de óculos - com esse ar horrível de intelectual ambulante - folheando um volume sobre a vida de Golda Meir, talvez procurando - desinformadamente - alguma relação entre os traços de Golda e a ordem para invadir, antontem, a escola de Mao Lo, que resutou no massacre de crianças inocentes.

Passavam poucos minutos das 10h30 quando acabei de fazer minhas anotações sobre "o sábado no campus da UnB".

As conclusões ficam a critério de cada um - relativamente à ocorrência da "apatia".



UnB, sábado de manhã. Há quem maldiga do tempo bom que faz lá fora, na impossibilidade de queimar-se ao Sol generoso que se oferece inutilmente através dos grandes espaços vazios da arquitetura moderna.

Há quem lamente estar em aula quando o corpo pede cama após a noite mal dormida por causa da cervejada numa antecipação do fim-de-semana.

Rogam-se pragas e também elevam-se preces agradecendo por mais uma oportunidade de estudo, o que não havia na pobreza do lugar de origem.

A universidade funciona. Talvez com menor intensidade do que funcionou durante a semana, mas, sem dúvida, com maior esforço já pela necessidade do descanso.

É um dia como outro qualquer em que alunos fizeram

perguntas e professores perguntaram-se a quantas perguntas mais teriam que responder. Um dia em que houve sorrisos ou simplesmente "bons dias" e "ois". É um dia qualquer que poderia ser segunda ou sexta, e, entretanto, é sábado.

Um sábado, por acaso, de Sol. Por acaso porque em muitos outros sábados o céu esteve cinzento e pesado e o vento trouxe o frio que arrepiou os pelos até dos mais corajosos. E então houve quem maldissesse a sina e quem bem dissesse a sorte, pois a universidade funcionou.

Funcionários, professores, alunos, lajes de concreto cada qual com sua função, juntos, até mesmo sábado, quando muitos cidadãos já fizeram malas e se jogaram frenéticos nas estradas alimentando sonhos à procura de aventuras nas excursões dos fins-de-semana.

"Para quem gosta de criar, a sala 5 do Departamento de Comunicação estará à disposição de todos os sábados a partir do dia 11. Traga material e mostre serviço."

Este cartaz, pobre em imaginação, com erros de português, não conseguiu o seu intento: sábado último a sala cinco permaneceu quase vazia. Apenas três estudantes batiam máquina e nada de novo.

A criatividade não estava na "Sala da Criatividade" e sim na última do corredor de onde partiam os gritos teatrais do Exú. (Até hoje não sei o seu verdadeiro nome e acho que poquíssimos sabem).

O Departamento de Comunicação possui, aliás, e acho que é caso único na UnB, vários personagens permanentes. Exú é uma grande figura desta "fauna" pitoresca. Nordesteiro, sotaque carregado, extrovertido, inteligente, ajuda nas aulas de teatro. É um artista.

No que seria um exercício de teatro do curso regular, Exú berrava na última sala do corredor cuja superlotação explicava o esvaziamento da sala 5. Em frente à sala já se achavam perto de 20 pessoas que, apesar de interessadas, não entravam. Ficavam à espreita. Exú, vez por

outra, agredia o pessoal aos gritos. Gritou a palavra "fofoqueira" para uma estudante (que ficou toda vermelha) e o pessoal da sala começou a fazer coro acompanhando-o no grito que se repetia: "fofoqueira". A estudante saiu e foi embora.

Dentro da sala seis moças e cinco rapazes pareciam até uniformizados. Usavam roupa "unisex": todos de calças tipo blue-jeans e camisetas de malha, o umbigo de fora. Menos um rapaz: camisa de tergal...destoando.

Os gritos como exercício de empostação de voz, só funcionavam com a liderança do Exú. Ninguém mais tomava a iniciativa de gritar ou fazer qualquer outra coisa.

Agora ele pedia um voluntário para encenar no meio do círculo de pessoas. Mas ninguém se apresentou. Exú escolheu então uma das moças, a mais bonita.

Dentro da roda as apresentações foram um fracasso. Ninguém "se soltou", apesar do exercício de relaxamento que se fez antes.

No Departamento de Arquitetura, outro cartaz anunciava vários curta-metragens que seriam exibidos às nove horas. Filmes bem atuais sobre Niemeyer, Le Corbusier e cidades

inglesas. Entretanto a sala de projeções ainda estava fechada às 9h30m.

Nas paredes viam-se pendurados vários trabalhos dos alunos de PEU-111. Ninguém estava interessado neles e alguns cartazes do trabalho já caíam pelo chão.

No auditório de música alguns estudantes ensaiavam. Um grupo, no gramado em frente, brincava de capoeira. Alguns tentaram assistir ao ensaio de música mas não foram bem recebidos pelos professores que preferiam silêncio absoluto.

Nos arredores, sentados pelo gramado, alunos de Oficina de Desenho trabalhavam ao ar livre. Cada um procurando retratar um ângulo da paisagem.

O auditório Dois Candangos estava lotado: Curso de Estudos Brasileiros, de frequência obrigatória. Não se permitem atrasos. Alunos que já fizeram a disciplina são fiscais que atuam com muita eficiência, prestando atenção e controlando entrega dos formulários de frequência.

O tema era Preconceito Racial, mas o conferencista apenas comentou longamente o filme que seria exibido, um bom filme sobre a época dos escravos, com tomadas no Senegal.

Sábado. Mais um dia na semana. O último, é verdade, no entanto mais um. Muita gente acha que não. Teima que é diferente. Gente nova que está agora fazendo mais uma escolha na vida. Jogo de conflitos. Como este sábado é decisivo e definitivo... Quando a gente é criança passa tanto tempo pensando no dia em que este sábado vai chegar... Tantos sonhos estão dentro dele... Todo o nosso futuro, dizem

Sábado. Um dia qualquer. Muita gente não pensa assim. A fila já não é tão grande como nos outros dias. O futuro a gente tem que garantir no princípio, no presente. Fila para inscrição de vestibular Caras preocupadas. Caderneta de poupança, investimento garantido.

Vestibular não é assim. A gente pensa que é mas não é. Engano puro. Enquanto a fila diminui também o número de alunos que apareceram na universidade num dia de sábado. Porque hoje é sábado, dizem os professores, os alunos deviam vir mais cedo pra aula e ficar até mais tarde. Afinal, ninguém trabalha, hoje é sábado. Mas porque hoje é sábado, as pessoas querem descansar, e os professores, que são pessoas, também querem. Não aparecem ou chegam atrasados. Culpa deles? Não. Nossa? Ora, que bobagem, a culpa é da folhinha ou talvez da Bíblia que diz ser o sétimo um dia de descanso. Quem mandou começarem o calendário com domingo...? O resultado foi esse: o sétimo dia é sábado Lei é lei e todo mundo obedece.

Ninguém aparece no sábado. As menininhas vão ao cabeleireiro. Os garotões vão consertar a máquina porque, afinal de contas, hoje é sábado. Dia de fazer barulho na rua.

Talvez a melhor coisa que tenha sido feita no sábado seja a criança. Melhor dizendo, a criança em visita à Universidade. Sábado dia da criatividade. Sala 5. Todo mundo e cada um em liberdade quase total. Crianças em volta brincando e tornando o ambiente mais livre. Porque hoje é sábado as crianças visitam o Departamento. Por que não fazem isto todos os dias? São tão bonitas, as crianças.

E quer saber de uma coisa? Já que hoje é sábado, vamos esquecer tudo isso e tomar uma cervejinha no Beirute?



David Renault, 21 anos, ao assumir a presidência da Representação Estudantil do Departamento de Comunicação, sentiu que "as pessoas não se reuniam para fazer nada, e não faziam nada".

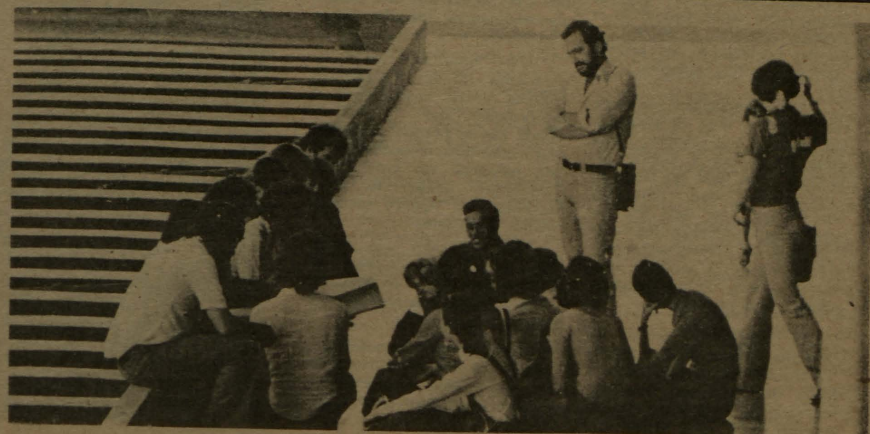
A instituição da "manhã de criatividade" aos sábados, representou uma tentativa de dar aos alunos a oportunidade de se reunirem, conversarem, e fazerem alguma coisa em conjunto.

David reconhece que, em princípio, a tentativa fracassou, mas espera melhores resultados no próximo semestre, que, por não ter aulas aos sábados, permitirá maior participação dos alunos.

A Representação Estudantil reservará salas para

palestras, música, pintura, teatro e outras atividades, e fará uma ampla divulgação em toda a Universidade para que a experiência não fique restrita apenas ao Departamento de Comunicação.

Como a Universidade não poderá oferecer todo o material necessário para as diversas atividades, cada um deverá trazer, inicialmente, seu próprio material. David acredita que isso não representará um obstáculo, e espera conseguir, com essa iniciativa, um relacionamento mais direto entre os estudantes dos vários departamentos. Espera conseguir, como ele mesmo diz, "que as pessoas participem mais, e se conheçam melhor".





VALDOMIRO LUIS DE SOUZA
Maticula - 07378/74 Administração
20 anos de idade



Valdomiro chegou à Brasília, há dois anos. Veio do Piauí. Mais precisamente, de uma pequena cidade chamada Angical. Em sua bagagem, ele trouxe todas as esperanças e sonhos acumulados durante anos. Durante dezoito anos.

Lá em Angical, todo o dia acontecia o mesmo. Ainda de madrugada, saía em campo para buscar o gado do pai. Ajudava-o no trabalho da fazenda tirando leite das vacas. No curral, enquanto se esquivava da rabanada da vaca paterna, ele matutava. Pensava muitas coisas. Inclusive, sair dali, conhecer outros lugares. Seu pai, proprietário de cerca de trezentas cabeças de gado, como que para não fugir ao convencional, também se preocupava com o futuro do filho e acabou mandando-o para Teresina, cursar o Científico. Além do pagamento do colégio, mandava-lhe Cr\$ 60,00 por mês, o bastante para conservar seu quarto na Casa do Estudante, comer e de vez em quando ir ao cinema.

Sua grande chance, surgiu por intermédio de um tio, também piauiense, mas que também, de muito pensar, terminou se mudando para Minas onde "venceu na vida" e acabou eleito deputado federal.

Trazido pelo tio deputado, Valdomiro veio fazer o Vestibular. Sua chegada, "foi uma porrada enorme". Para amenizar o choque, ele contou com a ajuda de um irmão mais velho, que há alguns anos tinha percorrido o mesmo caminho e sofrido o mesmo impacto, e dos primos "que sempre me ajudaram".

Com a simplicidade que lhe é característica, hoje ele confessa que quando aqui chegou, "não sabia o que era a Guerra do Vietnã, nem falar no telefone. Pouco à pouco, percebeu também que nem tudo era tão simples como ordenhar uma vaca. O dourado dos sonhos descoloriu-se rapidamente. A realidade aqui era mais dura do que pensara quando vivia em Angical.

O colégio Diocesano de Teresina dera-lhe muito pouco. "Lá o estudo é decorar. Um dia depois da prova, já tinha me esquecido de tudo", diz ele, e, somente após duas frustradas

tentativas, conseguiu finalmente ingressar na UnB.

Enquanto os gabaritos não lhe eram favoráveis, com muito sacrifício, ele conseguiu fazer um curso de programação de computadores, no INESA. Agora, Valdomiro já sabe "que Watergate foi por que Nixon usou dinheiro ilegal para comprar voto e se eleger", e que "tudo aqui é diferente".

Pela manhã, chega cedo na Universidade para as aulas de Inglês, IMC, IS, LP, e Educação Física. Neste horário, quando não se encontra frequentando uma dessas matérias, está na Biblioteca. Mora na casa do tio e almoça no restaurante da UnB. Seu grupo de amigos, resume-se a alguns colegas da UnB, mas quase nunca sai. Prefere ficar em casa estudando, assistindo futebol pela TV, ou, tocando para si mesmo, violão. Ultimamente, de vez em quando, ajuda o tio na Câmara colocando em dia a correspondência do eleitorado.

Sem rodeios, ele afirma ter sido "sempre um CDF", no que é plenamente justificado pelo grande número de horas que dedica ao estudo. Mas, especificamente, como chegou a ressaltar, ao estudo das matérias que está cursando. Sem contar o horário normal das aulas e o tempo que passa na Biblioteca, ele estuda mais três horas diariamente.

E, mesmo tendo cursando o INESA, está desempregado. Vive dos Cr\$ 300,00 que seu irmão, com muito custo, lhe adianta por mês.

Não obstante todo o otimismo inicial, Valdomiro confessa entre melancólico e decepcionado que "a universidade, não sei porque, ainda não está sendo uma novidade", e já está pensando em fazer outro Vestibular, desta vez para Matemática: "Quero estudar Análise de Sistema".

Mesmo assim, ele ainda pretende estar formado dentro de mais quatro anos, e, só pensa no Piauí, por causa da família e da namorada que deixou.

Mas, admite francamente: "Acho que não volto mais. Eu chego em Angical e não encontro ninguém para conversar, nem mesmo o prefeito".

Um nordestino de Angical para Brasília

"Foi uma porrada enorme"





"É preciso que
se defina o
que se
quer
dizer com
apatia"

Diagnóstico

Diríamos que essa apatia
não nos preocupa...
... aparece universalmente,
sob forma cíclica.

... três correntes
entre os jovens
de hoje:
nihilistas,
inovadores,
e arcaizantes

CAMPUS — Na sua opinião atividades extra-curriculares (cinema, teatro, televisão, música, pesquisas diversas etc) são úteis à formação do aluno universitário?

MARIA INÁCIA — Sim. **CAMPUS** — Nesse caso, quais as atividades que gostaria que fossem estimuladas dentro de sua área (Psicologia)?

MARIA INÁCIA — Cinema, Teatro, enfocando aspectos e fenômenos psicológicos e psicossociais, por exemplo.

CAMPUS — Admite a ocorrência de "apatia" nos meios universitários, conforme reconheceu o Ministro da Educação ao visitar a UnB?

MARIA INÁCIA — Posso responder com uma pergunta preliminar: — A QUE SE

REFERE essa "apatia"? Para admitir que ela exista é preciso que se defina o que se quer dizer com "APATIA". Como está definida, o objetivo da enquete é justamente, ao que parece, que cada um a defina ou, talvez, assuma sua existência.

Poderíamos, primeiramente, perguntar como psicólogo social, se essa "apatia" seria sinônimo de "CONFORMISMO". Se encararmos o problema como tal, deveríamos estudá-lo em função das atitudes dos indivíduos face ao grupo, ou mais precisamente às normas, papéis e expectativa do seu grupo. O assunto é, aliás, tratado exaustivamente no livro de Charles Kiesler publicado em 1969 sob o título de "Conformity" (traduzido em 1974). Os experimentos ali relatados incidem sobre dois aspectos psicologicamente diferentes nas atitudes dos conformistas: a "obediência externa" e a "aceitação íntima", isto é, poder haver "obediência" às normas de grupos e "aceitação íntima".

Da mesma forma que perguntamos "apatia em relação a quê?" — perguntamos "conformismo em relação a quê?". A teoria do poder social de French e Raben, dois psicólogos, define o "poder" como "o grau em que uma pessoa ou grupo podem em determinada situação influir nas opiniões ou no comportamento de outra que recebe a influência".

Dentro do mesmo campo de interesse, mas numa perspectiva diferente, vamos encontrar o trabalho do psicólogo social francês Max Pages, que estuda as relações entre os "sentimentos coletivos" e as "estruturas sociais". Para ele "toda organização social repousa sobre sentimentos vivenciados no aqui e agora — experimentados unanimemente pelos seus membros num dado momento, nascendo do encontro deles e modificado por eles". Verificamos aqui que a vida afetiva dos grupos se polariza em função dos papéis sociais que formam a estrutura desse grupo. Mais uma vez reencontramos o mesmo tema em Pages: "A função da estrutura de autoridade (ou poder) é propor aos membros da organização, figuras nas quais possam se alienar, às quais possam se identificar, que possa servir como objetivo comum para

os sentimentos de hostilidade e amor possessivos, experimentados coletivamente".

O trabalho de Pages é extenso, mas poderia elucidar alguns aspectos que permanecem obscuros na questão. Poderíamos tentar resumir, dizendo que em todo grupo a função das estruturas, mais do que determinante das hierarquias e papéis a serem desempenhados, tem uma função defensiva, para os membros do próprio grupo, sendo depositárias das suas fantasias inconscientes. Examinando, por exemplo, de perto o núcleo de conflitos em diversas empresas e indústrias, ele verifica que os conflitos existentes entre dirigentes e subordinados são a tradução de conflitos psicológicos internos experimentados por todos os membros, qualquer que seja o seu papel dentro da estrutura (empresa). Entretanto, os papéis que representam a relação ou estrutura de autoridade constituem como ele bem definiu, uma espécie de tela, que se interpõe entre as relações diretas dos membros de um grupo. Ele representa um sistema de defesa para o próprio grupo, na medida em que mascara a impossibilidade de cada um de estabelecer uma verdadeira comunidade. Por medo de fazê-lo diz ainda Pages.

Estudando o problema, o psicanalista Gerard Mendel em seu livro "Crise das Gerações", admite três correntes entre os jovens de hoje: "os inovadores", "os arcaizantes" e os "nihilistas". Os primeiros "são os que desejam trabalhar por uma modificação da sociedade preservando os valores e guardando o que pode e deve ser conservado da herança sócio-cultural".

Os segundos, "permanecem ligados a arquétipos, tal como os hippies", profundamente regressivos e utopistas, crendo na bondade original do homem e que "a sociedade é uma flor carnívora".

Os terceiros contestam todos os valores existentes.

Para Mendel, contesta-se e opõe-se, fundamentalmente, a uma sociedade tecnocrata, onde a Máquina esmagaria o Homem. Somente o que chamou de "Co-Educação", e não "Auto-

Educação" — que considera uma utopia — levaria os jovens a estabelecer os modelos de uma sociedade do futuro, tornando verdadeiramente adultos os que permanecem infantilizados pela "Mãe-Sócio-Tecnológica-Todo-Poderosa". Aqui, mais uma vez, retomáramos a dicotomia que opõe os grupos de jovens alunos — subordinados ao de professores — teoricamente, os detentores do saber profissional ou da "autoridade".

Resumindo, diríamos que essa "apatia" não nos preocupa; particularmente, senão como um fenômeno ao mesmo tempo psicológico e social mais amplo, que se passa em todo grupo humano e aparece, universalmente, sob forma cíclica.

Até que ponto não estaremos criando — ou fortificando — barreiras psicológicas já existentes em nós, enfatizando tais problemas? Não estamos, absolutamente, invalidando esta enquete, mas dentro de uma pesquisa mais rigorosa este questionário poderia ser chamado de "indutor". Minha preocupação é tanto maior quando verifico que há evidente associação do fenômeno "apatia" com o interesse na instauração de atividades que são denominadas "extra-curriculares". Como tendência, ou bem elas vão se tornar uma extensão das "curriculares" — por definição — ou bem serão simplesmente lúdicas, e pouco acrescentarão a seus participantes, contribuindo, aleatoriamente, para melhorar sua "apatia". Por que não participar então dos trabalhos dos campi avançados como atividade de rotina? Levar e testar sua contribuição profissional, conhecendo de perto os problemas do nosso cotidiano nacional que não pode deixar ninguém "apático", mas com vontade até de ajudar a solucioná-los.

Até que ponto não estamos desejando uma estrutura de grupo paternalista ou maternalista que nos dê tudo e também nos infantiliza, mas ao mesmo tempo desculpa pela nossa omissão (ou "apatia"), deixando a culpa de todas as mazelas que nos cercam a entidades quase míticas, como o SISTEMA, a MÁQUINA, a TECNOLOGIA etc... etc...?

Quem é?

Maria Inácia d'Avila Neto, tem 31 anos, é casada e tem um filho. Chefe do Departamento de Psicologia da UnB desde agosto de 1972, ela é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro já tendo estudado na Sorbonne, onde especializou-

se, a nível de Mestrado e Doutorado, em Psicologia Social Clínica e Psicologia Social. Atualmente encontra-se concluindo tese sobre "A personalidade autoritária - O autoritarismo e a modalidade de mudança das atitudes face o doente mental".





ASSEMBLEIA GERAL

Você, tranqüila e silenciosamente, se encontra com a inteligência do mundo, para estudar, informar-se ou, simplesmente, pensar. Uma assembléia de 220 mil livros e você.

Biblioteca Central da
Universidade de Brasília